
Os caminhos da pesquisa em Comunicação na Amazônia¹

Cynthia Mara MIRANDA²
Vilso Junior SANTI³
Lucas Fonseca MILHOMENS⁴

Resumo

Neste artigo, delineamos de forma preliminar os caminhos da pesquisa em Comunicação na Amazônia apontando os movimentos e desafios da comunidade científica regional em busca de sua consolidação. Para conduzir a proposta sinalizamos a trajetória da pesquisa em Comunicação na região e as estratégias que adotou para construir seus objetos por meio da análise contextual, revisão bibliográfica e fundamentação teórica sobre os campos sociais, o campo científico (da comunicação) e a ideia paradigma. A seguir discutimos o que significa a pesquisa em Comunicação na Amazônia e os movimentos de institucionalização do campo na região. Concluímos que, além dos desafios institucionais e de ordem econômica, as pesquisas em Comunicação na Amazônia podem e devem convergir para pluralizarmos as verdades sobre o Campo e também sobre a Região.

Palavras-chave: comunicação; pesquisa; Amazônia.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho pautamos os dilemas da pesquisa em Comunicação na Amazônia e buscamos apontar os movimentos e os desafios da comunidade científica regional na busca da consolidação da pesquisa comunicacional no território amazônico, levando em consideração sua diversidade, complexidade e dimensão.

A Amazônia produz uma miríade de questões sociais que aguçam múltiplos interesses em distintas áreas do conhecimento, campos de estudo que vão desde a

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de junho de 2019.

² Docente do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (UFT), Doutora em Ciências Sociais (UnB), cynthiamara@uft.edu.br.

³ Docente do Curso de Comunicação Social - Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFRR), Doutor em Comunicação Social (PUCRS), vjrsanti@gmail.com.

⁴ Docente do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) no Campus de Parintins, Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), lucasmilhomensufam@gmail.com.

Antropologia, Sociologia, Biologia, História, Economia, entre outras. Na área da Comunicação a produção de pesquisas sobre a Amazônia é mais recente, tendo ganhado força, sobretudo, a partir da implantação de instituições de pesquisa que possuíssem entre seus campos de estudo os “processos comunicacionais”.

Para Gonçalves (2008) a imagem que normalmente se tem da região amazônica é mais uma imagem “sobre” a região do que “da” região. Tomando isso como pressuposto, necessariamente precisamos trabalhar aqui com uma perspectiva abrangente da Amazônia, para além de questões geográficas e sua relevância, mas que abarque a trajetória social e a experiência dos povos e dos sujeitos que constituem este particular espaço que compõe quase 60% do território nacional.

Historicamente, conforme Miranda Neto (1991), a representação da Amazônia é atravessada por conceitos e imagens antagônicas que oscilam entre “dócil”, “paradisíaca”, “violenta” e “inóspita”. Para Holanda (1959) a Amazônia foi (e ainda é) erroneamente interpretada como o *El Dorado*, lugar que guardaria riquezas sem fim. Partimos do pressuposto de que a Amazônia também é uma construção social, forjada desde o processo de colonização portuguesa. Os acontecimentos que se dão a partir desse contato traduzem-se no marco inicial para uma tentativa de compreensão da região. Das primeiras descrições imaginadas e registradas por viajantes europeus, da escravidão e genocídio indígenas, feitos ao longo de séculos; a construção do mito das guerreiras indígenas “amazonas”, batizando seu maior rio e todo um subcontinente; até chegar à ideia “comum” e ainda hoje bastante difundida de que as riquezas da Amazônia precisam ser exploradas, sejam elas seus recursos naturais ou seus conhecimentos adquiridos ao longo de milênios.

O exemplo desse processo colonial legado à Amazônia é um dos mais significativos na história recente da humanidade. Ele está mergulhado no conceito desenvolvido por Fanon (1968) de que o colonizado “introjeta a dominação” a partir dos atos do colonizador, fazendo com que seus problemas sejam encarados como uma “lei natural”, e seus povos e região abordados de forma superficial e periférica, gerando o que o autor denomina de “alienação colonial”, uma justificativa para o processo de exploração predatória de suas riquezas (humanas e materiais) e gerando, de muitas formas a “manutenção do subdesenvolvimento”.

Cremos, portanto, que a construção desse discurso acerca da Amazônia reverbera ao longo dos séculos e chega até os dias de hoje contaminando inclusive as pesquisas em

Comunicação realizadas neste espaço. Essa memória é acessada e atualizada por novos discursos, inclusive discursos científicos, que limitam e empobrecem as possibilidades de apreensão e compreensão profunda dos fenômenos comunicacionais sobre (e na) região.

Segundo Miranda (2014, p. 52) mesmo nas pesquisas contemporâneas do campo os discursos locais são silenciados, desconstruídos, exorcizados e perdem seu valor cultural – resultado de um processo de dominação que ainda permanece. O autor lembra ainda que todas as maneiras de olhar a Amazônia carregam concepções sobre ela e que todo e qualquer entendimento sobre a região ainda é atravessado por essa vontade de verdade estabelecida pelo sistema colonial há muitos séculos.

A Amazônia permanece apenas compreendida pelo olhar estrangeiro que fixa a região como espaço de grande riqueza natural a ser preservado, mas que precisa de um sentido econômico a ser atribuído – um lugar aonde a modernidade ainda não chegou. Pinto (2008) denomina essa condição de “produção do atraso”, um conjunto de forças (políticas, econômicas e sociais) que se consolidou ao longo do processo histórico de formação da região.

Para conduzir linhas preliminares de discussão de um campo que é vasto e complexo buscamos contextualizar, no presente artigo, os movimentos e desafios da comunidade científica para consolidação do campo comunicacional no território amazônico. Nesse sentido dialogamos com a teoria dos campos sociais (Bourdieu, 2000); a noção de campo científico (Bourdieu, 2003) e o conceito de paradigma de Kuhn (1978) para compreensão da Comunicação enquanto campo científico que tem seus movimentos particulares.

A seguir discutimos o que significa a pesquisa em Comunicação na Amazônia – a partir das contribuições de autores como Miranda Neto (1991), Cardoso de Oliveira (1998), Gonçalves (2008), Miranda (2014), e Milhomens e Medins (2017) – e, os movimentos de institucionalização do campo com a criação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação na região. Por último apresentamos um panorama geral dos movimentos que a comunidade científica tem realizado para o fortalecimento do campo comunicacional amazônico e apontamos os principais desafios para consolidação da pesquisa comunicacional na região.

CAMPOS SOCIAIS, CAMPO CIENTÍFICO E A COMUNICAÇÃO

Conforme Bourdieu (2000) uma Sociedade pode ser definida como resultante da interação de um conjunto de campos sociais, mais ou menos autônomos, atravessados por lutas entre classes. Os campos sociais são para esse autor espaços estruturados de posições, cujas propriedades dependem de suas posições nesses espaços e que podem ser analisados independentemente das características de seus ocupantes.

Em termos analíticos isso significa que um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas, conforme objetivamente: 1) em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições; 2) por sua situação atual e potencial na estrutura de distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital); 3) e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com as outras posições (dominação, subordinação, homologia etc.).

Já a noção de campo científico, também a partir de Bourdieu (2003), pressupõe a configuração de um todo, de um mundo social que, como tal, faz imposições e solicitações próprias. Pressupõe a configuração de um espaço de forças e de um campo de lutas necessário para conservar ou transformar esse espaço de forças. Para o autor os agentes (comunidade científica) criam o espaço, e o espaço só existe (de alguma maneira) pelos agentes e pelas relações objetivas entre os agentes que aí se encontram.

Tomas Kuhn (1978) no livro “A Estrutura das Revoluções Científicas” realizou, partindo de três conceitos fundamentais (Paradigma, Ciência normal e Revolução científica), um exercício ousado de compreensão da história das ciências. Seus postulados demonstraram que toda a mudança científica não passa por um processo estritamente racional.

Segundo Kuhn (1978) o Paradigma representa um conjunto de teorias, regras e métodos comumente aceitos pela comunidade científica. Cada paradigma tem subjacente uma dada visão do mundo, correspondendo a mudança de paradigma a uma alteração radical dessa visão que se materializa numa revolução científica.

Aqui é possível notar uma aproximação do conceito de Campo Científico de Bourdieu (2003) com o conceito de Paradigma de Kuhn (1978), na medida em que os paradigmas surgem de realizações científicas universalmente reconhecidas por seus pares

e que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.

Nestes termos, podemos supor que o Campo da Cultura e dentro dele o Campo da Comunicação, como todo e qualquer campo, funcionam como um mercado, com sua oferta e sua procura. Tal discussão lembra que a cultura não pode ser tomada como simples conjunto de obras, e nem a Comunicação como um conjunto de aparatos, plataforma ou meios. Elas são também formas de elaboração da percepção do mundo, uma maneira particular de descrevê-lo e compreendê-lo – um conjunto de esquemas de percepção.

O Campo da Comunicação, em particular, tem fronteiras mal definidas, para Peruzzo (*apud* Weber, 2002) trata-se de um campo altamente complexo e movido e o debate em torno de suas configurações e possíveis fronteiras é controverso. Dentro dele o Campo dos Media pode ser entendido como um subcampo de produção cultural; como um dos campos da produção cultural; e/ou, em nosso tempo, como o campo por excelência da produção cultural. Além desta importante área de estudos, destacamos os campos políticos e econômicos que cada vez mais são objetos de pesquisas comunicacionais. Nos últimos anos, por exemplo, com os avanços tecnológicos e a ampliação de “bens culturais” um importante campo de estudo vem se formando, o da “economia política da comunicação”, responsável por análises macro estruturais ligadas aos efeitos diretos da economia política na sociedade e no campo comunicacional, com destaque para trabalhos desenvolvidos por pesquisadores como Bolaños (2002), Brittos (2002) e Herscovici (2003).

O campo epistemológico no qual a Comunicação busca se ancorar é marcado por conflitos. Se por um lado há uma tentativa de construção de campo disciplinar autônomo sustentado por seus cânones, teorias e objetos de investigação; por outro lado, observa-se movimentos da comunidade científica defendendo a interdisciplinaridade do campo em detrimento de uma proposta de matriz disciplinar. Para Issler (*apud* Weber, 2002) além da diversidade gerada pelo sentido interdisciplinar da Comunicação, deve-se levar em conta o dinamismo que afeta tanto a ciência quanto seus conteúdos, sejam eles genuínos, híbridos ou assimilados.

Para Martino (2007) a diversidade é uma faculdade inerente ao campo da Comunicação. No entanto acreditamos que a heterogeneidade existente nesse campo não deve ser confundido com uma “fragmentação de seus estudos”, ou que existe uma

“relativização” epistemológica em seus estudos. Problematizar o campo da Comunicação como uma disciplina é, portanto, fazer uma leitura do seu estado e transformar isso em um problema.

Conforme Martino (2007), se falarmos em disciplina, temos de admitir que tudo ou quase tudo ainda está (teoricamente) por fazer. Disciplina exige um grau maior de interação, de sistematização e de rigor entre os conhecimentos gerados (um centro de gravidade, expresso pela ideia de objeto e um núcleo onde orbitam problemas). Se falarmos em campo, no entanto, temos na Comunicação, um enorme conjunto de teorias não articuladas entre si, relativas aos vários saberes que aí se encontram. Se falarmos de disciplina teremos de ser mais rigorosos para reconhecer o que faz de uma teoria uma teoria propriamente da comunicação.

Diante disso, promover reflexões universais sobre o campo da Comunicação para construir uma identidade própria em um exercício de construção do olhar disciplinar não é tarefa desprovida de tensões e rupturas, imagina se deslocar para os estudos das singularidades desse campo, estudos considerados a margem – entendidos como áreas de pesquisa que não ocupam posição hegemônica no desenvolvimento de novos paradigmas no campo.

COMUNICAÇÃO NA AMAZÔNIA

Nem todos os pesquisadores de um determinado campo científico estão habilitados a ditarem as regras de sua manutenção e impulsionar mudanças ou revoluções científicas nos moldes de Kuhn (1978). Em uma arena de disputa, as transformações acontecem em um movimento capitaneado por quem está no topo do campo, ou em outras palavras aos que pertencem ao centro – entendido como espaço metropolitano de onde emergem os conceitos que ocupam posição hegemônica no campo.

Neste ponto mais uma vez aparecem as reflexões de Bourdieu (2003) quando ele diz que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorecida na estrutura, mais elas tendem a conservar ao mesmo tempo a estrutura e sua posição, nos limites, no entanto, de suas disposições. Desse modo, no que diz respeito as pesquisas em Comunicação na Amazônia, para a consolidação do campo é importante interrogarmos sobre o que comanda os pontos de vista e os objetos pelas quais nos interessamos.

Cardoso de Oliveira (1998) ao discutir o movimento dos conceitos na Antropologia buscou compreender o papel das singularidades da área a partir de reflexões sobre os espaços periféricos e de centro. Sem perder de vista a pretendida universalidade da Antropologia que se expressa na matriz disciplinar, o autor defende a existência de diferenças ou particularidades significativas que estão fora da concepção de centro e que não possuem pretensão à universalidade, como exemplo cita as especificidades da Antropologia na América Latina.

Ao nos apropriarmos das reflexões de Cardoso de Oliveira (1998) para propor uma reflexão sobre a singularidade do campo de pesquisa em Comunicação com foco especial para a pesquisa em Comunicação na Amazônia, apontamos como primeira premissa que se trata de pesquisas produzidas em espaços periféricos que não ocupam posição hegemônica e nem tem a intenção de ocupar e que tais pesquisas vão ganhando corpo em um movimento recente capitaneado, especialmente, pelos primeiros Programas de Pós-Graduação em Comunicação na Amazônia a partir do ano de 2008.

Tensões e desafios se apresentam constantemente para a consolidação da Comunicação enquanto campo de pesquisa na Amazônia. O termo Amazônia para além de ser uma nomenclatura que evoca significados culturais e sociais distintos e complexos representa um território com distâncias inimagináveis.

Milhomens e Meldins (2017, p. 149) ao discutir a Comunicação na Amazônia destacam que a região abriga, contraditoriamente, uma das piores infraestruturas de bens e serviços, inclusive os ligados às telecomunicações, como a telefonia e a Internet, ferramentas básicas e essenciais para a Comunicação na atualidade. O estereótipo que prevalece no imaginário político, midiático e social sobre a região é que ela é, além de desabitada subdesenvolvida e “distante”, um espaço de parca produção intelectual relevante sobre os fenômenos sociais.

Conforme dados do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos do Ministério da Ciência Tecnologia, Inovação e Comunicações (2015) os sete Estados da Região Norte (Pará, Amazonas, Tocantins, Roraima, Rondônia, Acre e Amapá) concederam no período de 1996 a 2014, apenas, 1,8% dos títulos de doutorado e 3,8% dos títulos de mestrado emitidos no País. Roraima concedeu no mesmo período 0,0% dos títulos de doutorado e 0,2% os títulos de mestrado emitidos no território nacional. Este é um indicativo importante da carência de possibilidades de formação em nível de Pós-Graduação na

região Norte, já registrada nos estudos que embasaram o Plano Nacional de Pós-Graduação 2011–2020.

No âmbito específico da Pós-Graduação em Comunicação, na região da Amazônia Legal, registramos a presença de apenas cinco programas em nível de Mestrado: o Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (2010), o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins(2016) e mais recentemente em 2018 foram aprovados: o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima e o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, campus de Imperatriz na modalidade mestrado acadêmico, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão em São Luís na modalidade mestrado profissional e o Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará aprovou o seu doutorado.

Em um primeiro momento podemos constatar que há um fosso relacionado a desigualdade regional já que a concentração de programas de Pós-Graduação está na região sul e sudeste do País. Se a luta científica é uma luta entre adversários que possuem amplo capital científico acumulado no e pelo campo podemos aferir que com apenas três programas de mestrado nosso acúmulo científico é incomensuravelmente menor, o que gera uma série de implicações.

Não estamos no topo do campo onde as regras podem e devem ser mudadas, não recebemos os maiores financiamentos para as nossas pesquisas se efetuarmos um recorte regional, por exemplo. Tal constatação sem dúvida atua de forma desfavorável na consolidação da pesquisa em Comunicação na Amazônia na medida em que a nossa ausência nos espaços que definem as regras pode e tem impactado na produção da ciência produzida na região. A desigualdade regional da ciência e tecnologia é um dado real em nosso País e tem sérias implicações.

Muitos são os problemas enfrentados pela região amazônica, problemas de ordem social, econômica e ambiental que não são de agora e que estão distantes de uma solução. Junte-se a isso que a Amazônia apresenta um contexto multifacetado, onde as diferenças se inscrevem em cada parte do seu território mesmo sendo constantemente ignoradas pela manutenção de estereótipos. Para Amaral Filho (2016, p. 82):

Essa estereotipia da Amazônia pode ser vista como um processo de mediação que usa como princípio normativo geral o padrão cultural do estrangeiro, por uma alteridade, que desconhecendo os modos de produção local e a relação com o

ambiente, foi referenciando as diferenças como se fossem anomalias. Estas diferenças – que pelas mãos do colonialismo engendrou preconceitos e discriminações partindo da relação entre o colonizador e o colonizado sofre também um processo de homogeneização do discurso quando se fala de desenvolvimento e o desenvolvimento sustentável já como princípio do pós-colonialismo (AMARAL, 2016, p.82).

O problema relatado pelo autor configura-se como um dos desafios que só o investimento na produção científica será capaz de empreender que é a desconstrução dos estereótipos. Pensar a Comunicação na Amazônia é, portanto, um exercício que exige olhar a “natureza comunicativa” dos fenômenos sociais, sem perder de vista estes acontecimentos (FRANÇA e OLIVEIRA, 2012).

Concordamos com Miranda (2014, p.13) quando afirma que estudar a Amazônia é desafiador devido aos diversos elementos que compõe a sua realidade. Na Região inúmeras singularidades irão contribuir para a construção do olhar de cada sujeito, direcionar a maneira de enxergar esse espaço e desenhar novos caminhos.

Problematizar a Comunicação no Contexto Amazônico trata-se, conforme Miranda (2014, p.13), de observar a Amazônia que se move, que existe além dos discursos estabelecidos, que existe nas resistências e subversões, que existe em nós – os sujeitos em seus deslocamentos – já que os discursos estereotipados silenciam a realidade.

Várias são as adversidades enfrentadas pelos pesquisadores que desenvolvem pesquisas entre os limites geopolíticos da Amazônia, a falta de financiamento somada à magnitude de suas proporções territoriais dificulta a mobilidade dos pesquisadores. Fazer pesquisa na Amazônia tem um custo elevado diante da grande extensão territorial que nos cerca, o deslocamento para criação de redes e articulações entre os estados da região torna-se inviável fisicamente se não há incentivos de Agências de Fomento Locais (quando existentes).

A desigualdade regional na ciência brasileira é um problema amplo e complexo e assim ações pontuais e descontinuadas não serão capazes de resolver essa desigualdade. Junte-se a isso a crescente redução, desde 2016, do orçamento nacional para ciência, inovação e tecnologia e a redistribuição dos recursos não é otimista para nenhum campo científico especialmente para os que estão em busca de consolidação e reconhecimento.

Para além do desafio de fortalecer a formação *stricto sensu*, precisamos ampliar o espaço para as pesquisas em Comunicação na Amazônia nos programas de iniciação científica e de extensão. Outro ponto importante é pensar o escoamento dessa produção

científica. Quais são as revistas científicas abertas à temática? As pesquisas produzidas sobre a temática estão circulando nas revistas da região e fora dela? As editoras universitárias dos estados que compõe a Amazônia Legal estão proporcionando espaço e financiamento para a divulgação das pesquisas? Tais interrogações são importantes para traçar estratégias de ação para superar os desafios aqui relatados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há uma fórmula pronta para fortalecer as pesquisas em Comunicação na Amazônia, o que buscamos ao longo do artigo foi efetuar um exercício reflexivo preliminar focado principalmente nos desafios recentes da formação *stricto sensu* na região para compreender as especificidades que a produção acadêmica apresenta quando produzida longe dos grandes centros e os movimentos que a comunidade científica tem realizado mesmo em condições profundamente adversas. A realização de outras reflexões a partir do mapeamento das pesquisas provenientes de dissertações e teses de doutorado dos cursos de pós-graduação na Amazônia, por exemplo, poderia identificar as questões que têm despertado o interesse da comunidade científica na área da comunicação.

A crescente formação de mestres e doutores e a criação e consolidação dos programas de Pós-Graduação em Comunicação sem dúvida impulsiona a distribuição do capital científico na região. Este crescimento proporciona a (re)valorização dos saberes amazônicos e da perspectiva de Ciência da Comunicação para além dos *media* já nos autoriza a reelaboramos nossas perguntas – não discutindo mais se estamos mesmo (e apenas) a margem de um centro, mas no centro de uma outra história (Ramil, 2003).

As condições criadas para os estudos e pesquisas comunicacionais de alto nível na região amazônica não são, portanto, apenas resultado dos processos de colonização e suas diferentes formas e características. Elas são, também, resultado concreto do movimento de luta de seus diversos e heterogêneos atores sociais que vêm amplificando seu campo científico. A pesquisa em comunicação na região precisa levar em consideração as “amazônias” e todas as suas peculiaridades. Fica evidente, desta maneira, que para além dos desafios institucionais e de ordem econômica, as pesquisas em comunicação na Amazônia podem e devem convergir para pluralizarmos o conhecimento na região.

Referências

- AMARAL FILHO, Otacílio. **Marca Amazônia: o marketing da floresta**. Curitiba: CRV, 2016.
- BOLAÑO, César. **Trabalho Intelectual, Comunicação e Capitalismo**. A reconfiguração do fator subjetivo na atual reestruturação produtiva”. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, n. 11, p. 79-102, 2002.
- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 2003.
- BRITTOS, V. C. (Org.). **Comunicação, informação e espaço público: exclusão no mundo globalizado**. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2002.
- CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: UNESP, Paralelo 15, 1998.
- CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS – CGEE. **Mestres e doutores 2015 - Estudos da demografia da base técnico-científica brasileira**. Brasília, DF : 2016. 348p. Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10182/734063/Mestres_Doutores_2015_Vs3.pdf Acesso em 20/02/2018.
- BATISTA, Djalma. **Amazônia: Cultura e Sociedade**. Manaus: Valer, 2006.
- FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2010.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga e OLIVEIRA, Luciana de (Orgs). **Acontecimento; reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2008.
- HERSCOVICI, A. **A Economia Política da Informação, da Cultura e da Comunicação: questões metodológicas e epistemológicas**. Revista Eptic Online, v. 5, n. 3, Set-Dez. 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso: os motivos endêmicos no descobrimento e colonização do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1959.
- KUHN, Tomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MARTINO, Luiz C. (Org.) **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- MILHOMENS, Lucas E MEDINS, Gleilson. **Amazônia, Comunicação e Direitos Humanos: atividades e práticas acadêmicas**. In: Espaço e Tempo Midiáticos, Vol 2, N. 1 - Jan/Jul, 2017.
- MIRANDA, Diogo Silva Miranda de. **Palafitas digitais: comunicação, convergência cultural e relações de poder em Afuá**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal

do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, 2014.

MIRANDA, Luciano. **Pierre Bourdieu e o campo da comunicação**. Dissertação: UFRGS, 2000.

MIRANDA NETO, Manoel José de. **O enigma Amazônia: desafio ao futuro**. Belém: CEJUP, 1991.

PINTO, Renan Freitas. **Viagem das ideias**. Manaus: Valer, 2008.

RAMIL, Vitor. **A estética do frio**. Pelotas, RS: Satolep Livros, 2003.

WEBER, Maria Helena et al (Orgs). **Tensões e objetos da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002.